

LEVANTANDO A PONTA DO SILÊNCIO: A COLHEITA DA LITERATURA DE VALESCA DE ASSIS

*RAISING THE POINT OF SILENCE: THE
HARVEST OF THE VALESCA DE ASSIS
LITERATURE*

Ana Maria Soares Zukoski **1**
Vicentonio Regis do Nascimento Silva **2**
Wilma dos Santos Coqueiro **3**

Doutoranda e Mestra em Letras: Estudos Literários pela Universidade Estadual de Maringá. Graduada em Letras – Português/Inglês pela Universidade Estadual do Paraná – Campus de Campo Mourão.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6633946411492536>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6231-701X>.
E-mail: anazukoski@gmail.com **1**

Doutor em Estudos Literários pela Universidade Estadual de Londrina, Mestre em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Bacharel em Direito pela Fundação Educacional do Município de Assis e Graduado em Letras - Português e Inglês pela Universidade Estadual do Norte do Paraná.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4121806096200894>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0524-3525>.
E-mail: vicrenos@yahoo.com.br **2**

Doutora em Letras: Estudos Literários pela Universidade Estadual de Maringá. Mestra em Estudos Literários pela Universidade Estadual de Londrina. Graduada em Letras Português/Inglês pela Faculdade Estadual de Ciências e Letras de Campo Mourão.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0153461918591041>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6271-4744>.
E-mail: wilmacoqueiro@gmail.com **3**

Valesca de Assis¹ nasceu em Santa Cruz do Sul, no estado do Rio Grande do Sul. É graduada em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS – e especialista em Ciências da Educação pela mesma Universidade. Reside atualmente em Porto Alegre. Estreou como autora no ano de 1990, com a obra *A valsa da medusa*. Sua escrita abarca inúmeros gêneros literários, tendo publicações de contos, crônicas, romances, novelas e literatura infantojuvenil. Dentre suas obras publicadas, destacamos *A colheita dos dias* (1992), *O livro das generosidades* (1997), *Harmonia das esferas* (2000), *Todos os meses* (2004), *Dicionário* (2005), *Vão pensar que estamos fugindo* (2008) e *Um dia de gato* (2010).

A escritora sul-rio-grandense acumula indicações e premiações, entre as quais ressaltamos: *Prêmio Alejandro J. Cabassa para novela*, em 2002, *Prêmio Autor Revelação*, em 2000, *Prêmio Especial do Júri da União Brasileira de Escritores*, em 2000, e a indicação para o *Prêmio Açorianos de Literatura*, na categoria romance, em 2001. Tais premiações assinalam a literariedade e a qualidade estética que acompanham as obras de Assis.

Despreendida dos caracteres regionalistas que grande parte da literatura gaúcha conservava, desde o início de sua produção, Valesca de Assis rompeu com os ideários sociais, focalizando como tônica de seu fazer literário um vasto leque de temáticas que perpassam desde a condição feminina, como é o caso dos romances *A ponta do silêncio* (2017) e *A colheita dos dias* (1992), até a questão do próprio fazer literário, como o romance *Harmonia das esferas* (2000). A entrevista focalizada na sequência procura desvendar os caminhos criativos seguidos pela autora sul-rio-grandense, abordando questões sobre o fazer literário e sua inserção no campo literário, com perguntas específicas sobre seus romances e novelas.

1) Como foi construída a sua relação com a literatura? De que maneira enveredou pelo caminho da escrita literária? A sua formação em Filosofia e Ciências da Educação colaborou de alguma forma?

Comecei a ler muito cedo livros infantis, lendo e relendo para mim, para meus irmãos menores e, até, para as bonecas, árvores, gatos, passarinhos. Na adolescência, li apenas os livros indicados na Escola, uma vez que o armário de livros dos meus pais era chaveado... No Ensino Médio, comecei a ler bastante. A primeira obra “para adultos” que li foi *O resto é silêncio*, do Erico Veríssimo. Inesquecível! Na Faculdade, li muita filosofia e, na especialização, muitas teorias. Adulta, não só lia, mas, por anos, fiz resenhas para sete jornais do interior do Estado. Tudo influenciou – e influi – na minha formação. Não estou pronta, ainda.

2) A literatura de autoria feminina pressupõe um posicionamento ideológico, social e político. Marina Colasanti, escritora literária e teórica, afirma que, ainda contemporaneamente, algumas autoras têm dificuldades em assumir a sua escrita como uma “literatura de autoria feminina”, por diversas razões: a negação social dessa literatura pelo cânone e pela academia, os julgamentos parciais, a associação aos movimentos feministas, entre outras questões. Sua produção literária pode ser concebida como “literatura de autoria feminina”? Qual o seu posicionamento a respeito desse tipo de literatura?

Nunca penso nessas coisas, quando escrevo Literatura. Sinto-as todos os dias! Quando tenho de debater, escrever artigos ou responder a entrevistas é que tenho de organizar as coisas. Já passei por todas essas fases mencionadas na pergunta. Estou certa de que sim: somos vozes femininas, precisamos, ainda e muito, dizer das mulheres, do jeito que sabemos fazer - o melhor possível.

3) As escritoras, ainda hoje, encontram dificuldades para adentrar no campo literário. Como avalia sua produção literária e sua projeção como autora, nesse meio? O fato de já acumular diversos prêmios literários, como o APCA (Associação Paulista de Críticos de Artes), ajuda a abrir caminho para as grandes editoras?

Não. Prêmios não ajudam a conquistar editores e maior destaque. Exceto, quando, talvez, o prêmio inclua a edição e divulgação, como o atual Prêmio SESC de Literatura. O fato de

¹ As informações apresentadas foram retiradas do site oficial da autora. Disponível em: <http://valescadeassis.com.br/?pg=4401>. Acesso em: 07 jun. 2020.

viver num extremo do país também não ajuda muito... mas isso é geral.

4) É notório que, na Literatura Brasileira, ao longo dos séculos, o fato de o/a autor/a pertencer ao eixo cultural Rio/São Paulo faz com que suas obras tenham mais projeção no mercado editorial. A partir disso, como vê sua inserção e a de outras escritoras gaúchas no campo literário?

Exatamente! Nunca consegui “passar do Mampituba”, nosso rio-fronteira norte. Porém, isso também é questão de temas. As mais jovens, com temas mais intimistas (e, por isso, também mais universais), entram muito bem no eixo.

5) Percebe-se como uma tendência nos autores sul-rio-grandenses a forte presença dos espaços gauchescos nas narrativas. *Harmonia das esferas*, *A colheita dos dias* e *A ponta do silêncio* são ambientados no Rio Grande do Sul. Trata-se de uma característica como autora gaúcha? Por qual motivo se dá essa predileção pelos espaços sul-rio-grandenses?

O Rio Grande do Sul ainda tem muito a contar de si. Somos muito jovens: o primeiro europeu “civilizador” pisou aqui no século XVIII. Fomos, por muito tempo, terra de ninguém. Porém, o espaço é também universal: mulheres de todos os lugares e tempos históricos se identificam com os temas, com as personagens.

6) Sua escrita abrange diversos gêneros literários, como a novela, o romance, e também abarca a literatura infantojuvenil. Como é o processo de criação em cada um desses gêneros, sobretudo na literatura para jovens e crianças?

O processo da narrativa ficcional para adultos foi o menos difícil, se podemos falar assim. Estava fazendo uma Oficina Literária, em 1985/86, e o tema era esse. Fui aprendendo e sendo corrigida, ao mesmo tempo. A juvenil foi fruto de uma necessidade de livros de boa técnica e conteúdo para adolescentes. Bem mais difícil. Estudei de novo, é outro mundo. A literatura para crianças menores, tenho-a como minha maior evolução como escritora. Não se pode fazer menos que o melhor para uma criança.

7) O romance *Harmonia das Esferas* apresenta uma trama que entrelaça a vida de vários personagens, por meio do fazer literário. De que forma se deu a seleção por esse tema metaliterário? A boa aceitação da obra, aclamada com premiações, influenciou, de alguma maneira, o seu fazer literário?

Levei seis anos escrevendo esse romance e foi o mais premiado. Fechava uma espécie de trilogia a que um crítico chamou de Pampa trágico. No primeiro volume, *A valsa da medusa*, trabalhei o povoamento/colonização alemã, na região onde nasci; no segundo, *A colheita dos dias*, abordei o processo de acomodação/aculturação entre açorianos e alemães, no Rio Grande do Sul, e, no terceiro, *Harmonia das esferas*, trabalhei com a maravilhosa cosmogonia de nossos índios caingangues e os sofrimentos que a civilização trouxe a eles.

8) Suas obras apresentam uma predileção por representar protagonistas femininas empoderadas, como é o caso de Marga, de *A ponta do silêncio* e Letícia, de *A colheita dos dias*. A presença dessas personagens mulheres nos encaminha, como leitores, sobretudo nós, mulheres leitoras, a visualizar a força feminina que temos. A escolha para tais protagonistas dispõe de um caráter social?

A mulher “empodera-se” por necessidade, a partir de suas perdas, abandonos e tarefas hercúleas. Depois que ela morre, vira uma heroína, um modelo. Mas, na vida real, ninguém aceita uma mulher verdadeiramente empoderada, que decide o que quer, sem submeter-se aos “costumes”. Aos menos na minha região e geração.

9) Além de representar essas personagens empoderadas, *A ponta do silêncio* e *A colheita dos dias* enfocam, em seus enredos, questões relacionadas à condição feminina, como a violência contra a mulher, em suas manifestações heterogêneas, a dominação masculina/opressão patriarcal. Tais temáticas são abordadas como forma de resistência?

São abordadas porque ainda existem...

10) Em *A ponta do silêncio*, Marga utiliza-se da escrita para conseguir expressar os traumas surgidos de um cotidiano de violência, no casamento com Rudy. Por qual motivo a escrita foi o mecanismo escolhido pela protagonista, para a sua (re)construção subjetiva? O que tal escolha reflete? Ao mostrar uma personagem que escreve, incentiva-se seus/as leitores/as a fazerem o mesmo?

Porque ela não conseguia falar, havia perdido a voz, por causa do trauma. A escrita, os gestos e os pensamentos foram as coisas que lhe restaram. Tecnicamente, foi muito difícil!

11) Em *A colheita dos dias*, percebemos que Letícia se serve da memória para reavaliar, de forma mais crítica, o seu casamento e a sua (não)vida, além de estabelecer, como sua interlocutora, sua filha Virgínia. A memória funciona de modo semelhante à escrita, em *A ponta do silêncio*, como um mecanismo para a (re)construção da subjetividade? Quais motivos a levaram a optar pela memória? E a presença da filha pode ser interpretada como sororidade?

Para mim, foi uma busca desesperada de, mesmo naquelas condições trágicas, conhecer para poder reconhecer aquela filha que nunca entendera bem.

12) Letícia, protagonista de *A colheita dos dias*, apresenta uma relação destoante do padrão social, no que tange à maternidade. Apesar de demonstrar querer se encaixar nos pressupostos patriarcais, no desejo pelo filho homem, por exemplo, fica evidente que a personagem precisou aprender a amar a filha, atestando que a maternidade não é compulsória. Trazer à baila a complexidade dessas questões ajuda a nós, leitoras, a compreendermos as malhas de poder que envolvem essas problemáticas. Quais as razões que a motivam a abarcar tais reflexões, em sua obra?

Primeiro, porque não é fácil ser mãe, se ainda nos sentimos crianças. Falta-nos, em geral, o consolo de que não nascemos sabendo: as mães **devem** nascer sabendo ser mães. E tudo deve ser sublime, não devemos ter dores, nem cansaços, nem hesitações. Glória, perfeição! Sentimos imensas culpas.

13) A onomástica é bastante significativa, em suas obras, como o caso de Marga e Rudy, em *A ponta do silêncio*, Virgínia, Modesto e Francisco, em *A colheita dos dias*. Como se dá o processo de criação de sua escrita?

Os nomes dos personagens são muito importantes para mim. Geralmente, uso nomes que vão ficar extremamente incômodos, durante o desenrolar da narrativa.

14) Seus romances não são muito extensos e, em geral, revelam um desfecho com anticlímax. Como essa capacidade sintética se materializa, no seu processo de escrita, isto é, como dizer muito com pouco? De que modo é realizada a construção dos aspectos narrativos, como personagem, espaço, tempo e narrador?

Gosto da tensão, do medo, da dor insuportável e de desfechos que deixem o leitor pensando. Uso a técnica para isso. Corto todos os excessos possíveis.

15) Os títulos dos seus romances relacionam-se, de forma complexa e sutil, com o enredo e os personagens. De que maneira ocorre a construção metafórica?

Apreendi, depois de algum tempo, que o título está quase sempre dentro do livro. Trabalho com um título provisório, até que o verdadeiro me apareça.

16) Considerando as diversas vertentes presentes na literatura contemporânea, evidencia-se nas suas obras um viés sociológico, associado a críticas de cunho social. Como você concebe a sua literatura, sobretudo as novelas e romances, na seara literária contemporânea?

Como a melhor coisa que eu sei fazer para evidenciar as injustiças sociais, com empatia

pelos maltratados ou desconsiderados.

17) Dentre os seus romances e novelas publicados, algum em específico lhe exigiu mais, como autora?

Sim: em tempo e dor: *Harmonia das esferas e A ponta do silêncio*.

18) Como concilia as suas posições de leitora e autora? A leitura de determinadas obras e/ou autores/as influencia a sua produção literária? Por quê?

Atualmente, como ministro oficinas, leio todas as novidades que surgem a respeito. Tem sido meu primeiro interesse. Em termos de Literatura, desfruto do talento de Teolinda Gersão, Lídia Jorge, João Tordo, João de Melo e outros autores portugueses que muito aprecio. Do Brasil, leio os novos, como Julia Dantas, Luisa Geisler, Carol Bensimon, Amílcar Bettega, Michel Laub, Paulo Scott, entre outros, para beber de uma literatura mais contemporânea. Ah, e estou lendo e estudando *haicais!* Lancei, em 2019, *Bichos e Coleções: haicais para colorir e reescrever*, pela editora Bestiário.

Referências

A escritora Valesca de Assis respondeu às perguntas por correio eletrônico, em junho de 2020.

Recebido em 10 de julho de 2020.

Aceito em 10 de agosto de 2021.